

Procurei esboçar, na última sexta feira, de maneira por certo muito rudimentar e portanto insatisfatória, como surgem nomes próprios no intelecto. Notem os senhores que conforme a epistemologia que estou tentando elaborar perante os senhores o nome próprio é anterior ao intelecto e ao mundo externo. Com efeito, o nome próprio é o núcleo óntico tanto do intelecto como do mundo externo. De acordo com a epistemologia que estou lhes elaborando o conhecimento é onticamente anterior ao conhecedor e ao conhecido. O conhecedor e o conhecido são os dois aspectos e os dois horizontes do conhecimento. Ou, para reformularmos este pensamento nos termos mais apropriados a este curso de conferências: intelecto e mundo externo são os dois aspectos e os dois horizontes da língua. O nome próprio como a fonte de qual brota a língua é portanto a fonte da qual brota o intelecto e o mundo externo. Voltarei muitas vezes a este problema no presente curso, porque procurarei iluminá-lo de um ponto de vista existencial, e de um ponto de vista histórico. No contexto existencial procurarei elaborar o clima que cerca o surgir do nome próprio, e chamarei de "poético" esse clima. No contexto histórico procurarei discutir alguns nomes próprios específicos que são os germes do discurso chamado "história do Ocidente", e chamarei esses nomes próprios de "mitos". A poesia e o mito rondam por assim dizer o nome próprio no momento de sua irrupção do nada, e é preciso que eu pelo menos mencione esse fato mesmo no presente contexto. O nome próprio, ao irromper, é o enigma em sua plenitude. Peço desculpas se este argumento não é totalmente claro, porque pressupõe um raciocínio que não elaborei ainda. Apele para a sua intuição, e para a sua paciência, já que o argumento deve esclarecer durante o curso.

Repite: intelecto e mundo são os dois aspectos da língua. Mais exatamente: intelecto é a estrutura da língua, e mundo externo é o significado da língua. Intelecto é como ocorrem frases, e mundo externo é o que frases significam. Frases são processos, isto é ocorrem. Na medida em que ocorrem, realizam-se intelectos e mundos externos. Dedicarei a presente conferência a discussão da maneira como frases ocorrem. Será portanto uma discussão do intelecto. E limitarei a discussão a frases de línguas de um determinado tipo, a saber do tipo flexional. Será portanto uma discussão do intelecto do tipo ocidental. Já que somos, todos nós nesta sala, intelectos desse tipo, dispomos de duas avenidas de acesso para a discussão proposta: a extrospectiva e a introspectiva. Podemos observar como ocorrem frases em outros intelectos, e podemos intuir como ocorrem no nosso. A presente discussão será limitada à observação extrospectiva.

Notem que recorro a um termo vago para denominar a ocorrência que vou discutir, a saber ao termo "frase". Não digo "pensamento", nem "sentença", nem "juízo", para não preconceber o argumento. O termo "frase" evoca uma forma, uma "Gestalt", por exemplo uma frase musical, e é essa imagem que quero evocar nos senhores. Consideremos pois como ocorrem essas "Gestalten". Ocorrem discorrendo. O curso das frases é por assim dizer inclinado, tem um declive, é um discurso. Corre, por assim dizer de cima para baixo. O que estou dizendo não é uma imagem poética, nem um jogo de palavras. (Embora tanto imagem poética como jogo de palavras tenham a sua justificativa quando se trata de discutir a língua). O que estou dizendo é a tentativa de visualizar o processo da ocorrência de frases. As frases se originam no cume do nome próprio e discorrem em direção da planície do nome de classe de classes. Originam-se no cume da infinidade de significado e discorrem em direção do significado zero. O declive do discurso é a medida da exauração do significado. No curso do discurso o significado infinito do nome próprio é progressivamente av

surido. O nome próprio tem uma infinidade de significados. Ou, como diz a filosofia tradicional, o existente tem uma infinidade de atributos. O discurso explicita progressivamente os significados implícitos no nome próprio, e o declive do discurso é portanto a explicitação de significados. Sendo infinito o número dos significados de um nome próprio, é, pelo menos em tese, infinito o curso do discurso. Posso discursar eternamente em redor de um nome próprio, e não lhe explicitarei nunca o seu significado. Isto em tese. Verificaremos no curso destas conferências, que na prática, isto é na história, há um limite do discurso e há uma exaustão de temas.

O discurso consiste de frases que predicam nomes. Predicar nomes é sinónimo de explicitar significados. No predicado um significado de um nome é explicitado. A frase é uma explicitação de um significado, porque a frase é um nome predicado. Ao ser predicado, o nome se transforma em sujeito de frase. Relegarei a discussão dessa transformação, que é com efeito um salto de camada ontológica, para outro contexto. Definirei, para o presente contexto, o sujeito de uma frase como um grupo de palavras das quais pelo menos uma é um nome. A frase é completada por um predicado. O predicado é um grupo de palavras das quais pelo menos uma é um verbo. Relegarei a discussão de verbos, que é com efeito a discussão das formas de ser, para um contexto futuro. Esta é pois a forma padrão, a "Gestalt" da frase: "sujeito-predicado". É óbvio que se trata de um padrão extremamente simplificado. As frases que ocorrem de fato são geralmente muito mais complexas. E há frases por assim defeituosas, como por exemplo as frases "chove" ou "basta!". Mas uma análise de frases pode reduzir, em tese, todas as frases ao padrão simplificado, ou pode, completar frases defeituosas para o padrão simplificado.

Uma frase que consiste de sujeito e predicado, por exemplo a frase "João ama", discorre do sujeito João pelo predicado ama. Uma leve análise do verbo "ama" permite uma reformulação dessa frase, a saber: "João é um amante". A nossa frase discorre do sujeito "joão", que é um nome próprio, para o predicado "é um amante" que contém um nome de classe. A frase predica o nome próprio "João" ao explicitar um dos seus significados, a saber "ser amante". O nome de classe que aparece no predicado, a saber "amante", é um nome menos significativo que o nome próprio "João" e este significado menor é a meta da frase. Por predicar o nome próprio "João" pelo nome de classe "amante", por afirmar portanto que "João" é um membro da classe "amante", é a nossa frase um conhecimento. Na frase "João" se torna parcialmente conhecido, a saber como membro de uma determinada classe. O conhecimento total de "João" seria um argumento que enumera todas as classes das quais "João" é membro. Sendo "João" nome próprio, é ele membro de uma infinidade de classes. Não pode ser exaustivamente ~~xxxxxx~~ predicado. Reformulando: predicar nomes é exaurir significados pela enumeração de classes.

Considerem por um instante o problema kantiano de juízos analíticos e sintéticos, e verificarão que o problema está superado pelo meu argumento. Kant afirma que "grama verde é verde" é um juízo analítico, porque predica uma classe da qual o nome contido do sujeito é membro. Diz, com efeito, que o nome próprio "grama verde" é membro da classe "verdição". Mas afirma Kant que o juízo "grama verde está no jardim" é um juízo sintético, porque predica algo que não está contido no nome que faz parte do sujeito. Kant está enganado. Reformulando a rigor o juízo diz: "Esta grama verde está no jardim". É um dos significados do nome próprio "esta grama verde" é justamente o de ser membro da classe "aquilo que está no jardim", e

trata-se portanto de um juízo analítico no senso kantiano. Com efeito, todas as frases são juízos analíticos, se forem reduzidas ao nome próprio que é o ponto culminante do seu declive. Mas este fato não implica a impossibilidade de um conhecimento progressivo, como pensa Kant, e o argumento seguinte procurará demonstrar esta minha afirmativa.

Considerem novamente a nossa frase padrão: "João ama". Ela discorre, bem entendido, e faz portanto parte do discurso. Mas é como se algo faltasse à sua forma, como se a sua "Gestalt" não fosse completa. O discorrer da nossa frase não tem objeto, e é portanto como se ele se perdesse. Demos um objeto à nossa frase e digamos "João ama Maria". Tentemos reformular essa frase que agora se compõe de sujeito, predicado e objeto, e saber: "João é um membro da classe "amantes de Maria". Esperemos, tendo em vista a felicidade de ambos, que João seja o único membro dessa classe. Mas podemos reformular a frase de uma outra maneira, a saber: "Maria é um membro da classe "amados por João". Nessa "Gestalt" mais completa a frase estabelece uma relação entre dois nomes próprios pelo predicado. Esta relação tem um aspecto ativo, se vista a partir do sujeito, e passivo, se vista a partir do objeto. Podemos inverter a frase, dizendo que "Maria é amada por João", e podemos, por fim, dar-lhe a seguinte forma: "Há um amor de João por Maria" (que seria uma tentativa de reconstruir em português o aorist grego). Reservo a discussão dessas formulações quando a análise de verbos for o nosso tema. Em todo caso podemos dizer que sintetisa, no predicado, os dois nomes próprios que aparecem no sujeito e no objeto. Maria se torna conhecida no predicado tanto quanto João, a saber como "amada". E é este o meu argumento contra Kant. Ao sintetisar, no predicado, significados de "João" e de "Maria", é a nossa frase um conhecimento progressivo, embora seja um juízo analítico no sentido kantiano.

A frase padrão completada, isto é a frase que tem a "Gestalt" (sujeito:predicado:objeto) estabelece uma situação, que chamarei doravante "situação da realidade": É o que Wittgenstein chama "Sachverhalt", e Heidegger chama "Bewandnis". "João ama Maria" estabelece uma relação entre nomes próprios, "einen Verhalt von Sachen", e estes nomes próprios estão explicitados em conjunto no predicado "sind mit eiander bewandt und zueinander gewendet". A frase "João ama Maria" realiza, no seu predicado, uma situação da realidade, porque neste predicado "João" é realizado no seu significado de "amante", "Maria" no seu significado de "amada", e ambos esses significados são sintetizados. Neste sentido, como realização de uma situação, a nossa frase é um juízo sintético, mas este não é o significado kantiano do termo. Pelo contrário, é um significado dinâmico que Kant ignora. A situação de realidade estabelecida pela nossa frase é resultado sintético de um processo dialético que tem por tese o sujeito, e por antítese o objeto. É neste sentido que o discurso, por ser predicativo, é progressivo. Realiza situações de realidade. Há portanto dois aspectos progressivos do discurso: progride ao exaurir significados de nomes próprios em direção de nomes de classes. A meta inalcançável desse progresso é o nome de classes de classes, isto é a exaustão do significado.

É progride relacionando nomes próprios sinteticamente em classes, estabelecendo situações de realidade. A meta inalcançável desse progresso é o relacionar de todos os nomes próprios numa única classe de classes, portanto a realidade totalmente realizada. Como se vê, os dois aspectos do progresso do discurso se confundem no infinito, e são idênticos com o silêncio definitivo. A meta do discurso é portanto a de acabar com o enigma que são os nomes próprios. A meta do discurso, isto é do intelecto, é absurda.

Reconsideremos por um instante a forma da frase (sujeito:predicado:objeto). É uma forma específica que tem sido estudada pela análise existencial com especial afinco. Essa forma se chama "projeto". As frases das línguas flexionais são situações de realidade projetadas. A soma dessas situações, portanto o mundo externo dentro do qual o intelecto existe, (para recorrermos a uma terminologia existencial), é uma realidade projetada. Na frase padrão o predicado projeta o sujeito em direção do objeto. A frase discorre num jato chamado "predicado" a partir de um substrato chamado "sujeito" em direção de um obstáculo chamado "objeto" e nesse jato realiza um projeto chamado "situação de realidade". Pois esta forma de projeto caracteriza o mundo externo que línguas do nosso tipo estabelecem. Os chamados eternos problemas da filosofia são resultados dessa estrutura do nosso mundo. É possível analisar a frase a partir do sujeito, do objeto ou do predicado, e estas análises resultarão em diferentes "Weltanschauungen", diferentes visões do mundo. Insisto na afirmativa, que a esta altura deve começar a adquirir foros de plausibilidade para os senhores, que análise gramatical da frase é sinônimo de análise ontológica da realidade.

Se eu fôr a analisar a frase a partir do sujeito, a frase se apresentará como se algo está sendo transferido do sujeito para o objeto. Chamemos esse algo de "qualidade", e chamemos sujeito e objeto de "substâncias", e teremos a cosmovisão aristotélica em suas linhas mestras. A visão do mundo como transferência ordenada de qualidades de substância para substância é resultado de uma visão do mundo a partir do sujeito da frase que estabeleceu a situação da realidade. Se eu fôr a analisar a frase a partir do objeto, terei uma visão da situação como consistindo de um impacto de algo que se projeta sobre o objeto. Esta visão corresponde aproximadamente a cosmovisão mecanista que fundamenta a ciência dos séculos 17 a 19. O mundo como cadeia de situações, isto é como cadeia de forças que agem sobre corpos. Deste ponto de vista digamos "objetivo" a estrutura fundamental da realidade é a inércia, já que o objeto representa o lado passivo da frase. Se eu fôr a analisar a frase a partir do predicado, a frase se apresentará como um processo em cujos extremos estão sujeito e objeto como que horizontes, mas cujo núcleo real é a predicação mesma. É uma cosmovisão que pode ser caracterizada pelo termo "rio heraclítico", e é a base da cosmovisão hegeliana e daquela que fundamenta a ciência da atualidade. O mundo se apresenta como uma cadeia do devir, o mundo não é, mas torna-se, devém, acontece. A expressão máxima dessa cosmovisão é Nietzsche. O mundo como vontade para o poder, sendo que aquilo que quer é o sujeito da situação, o poder é o objeto da situação, mas a realidade da situação está no querer, que é o predicado. O mundo como conjunto de campos nos quais a energia chega ao poder em forma de matéria é a consequência científica da filosofia nietscheana. Todas essas cosmovisões são resultados da forma da frase das nossas línguas. Podemos oscilar entre essas cosmovisões, ou podemos procurar uma síntese dessas cosmovisões, mas não podemos conceber o mundo sob estrutura diferente. Não podemos fazer-lo, porque a estrutura do mundo externo é justamente a estrutura do nosso intelecto, e a estrutura do nosso intelecto é a estrutura das nossas línguas. E, creio, exatamente isto que a crítica da razão pura kantiana estabelece. O nosso mundo tem categoricamente a estrutura das nossas línguas. O nosso mundo é a realização de um projeto contido nas nossas línguas, e a nossa mente é o anverso dessa realização de mundo. Creio ter superado com este argumento a nefasta dicotomia intelecto:coisa ou sujeito:objeto que adere à epistemologia e ontologia clássicas com

pragas. Se conhecimento for definido como adequação do intelecto à coisa, não necessitamos de uma ajuda divina para essa adequação, como pensa Descartes, nem precisamos desesperar dessa adequação, como pensam os céticos racionalistas e empiristas. Intelecto e coisa estão adequados pela língua. É por isto que conhecimento progressivo é perfeitamente possível, e as ciências o provam. É verdade que esse conhecimento é puramente linguística, consiste em cadeias de frases que discorrem, mas isto não diminui o valor epistemológico do discurso. A coisa em si, aquilo portanto que está no além da língua, é inefável. Se ela é algo, ela é o significado pleno dos nomes próprios e a língua realisa esse significado ao discorrer sobre os nomes próprios pela predicação dos mesmos. Isto é conhecimento, e todo o resto é metafísica inarticulada.

Por razões metodológicas não me posso aprofundar, no presente contexto, em considerações do conceito do projeto. Mas deve ser óbvio, mesmo no presente contexto, que o projeto estabelecido pela estrutura das nossas línguas estabelece uma limitação para o nosso intelecto. É o que Wittgenstein pretende ao dizer que a história do pensamento é a coleção progressiva dos ferimentos que o intelecto adquire ao lançar-se contra as suas grades. É também o que Rilke pretende ao dizer, num poema chamado caracteristicamente "A Pantera" "und hinter tausend Staeben keine Welt" (e por de trás de mil barras mundo nenhum). Mas o projeto das nossas línguas não apenas limita o nosso intelecto, mas torna o intelecto expansível. As limitações estão sempre aí, encerrando o intelecto. Mas essas limitações cedem sempre ante o ataque do intelecto. O intelecto se expande não somente pelo aparecimento de sempre novos nomes próprios, mas ainda pela aparecimento de novas regras, e pelo desaparecimento de regras antigas. Terei oportunidade no presente curso de discutir ambos esses aspectos da expansão do intelecto. O que pretendo no momento com estas minhas considerações é oferecer aos senhores uma definição desse termo "intelecto" com o qual estou operando.

Definirei "intelecto" como o campo no qual ocorrem frases. Um campo, no significado no qual a física emprega o termo, é a estrutura de ocorrências. O campo magnético, por exemplo, são aquelas linhas mais ou menos imaginárias ao longo das quais limalhas de ferro ocorreriam em redor de um polo magnético; se tivesse limalhas. É este o significado que quero dar ao termo "campo" na definição que estou propondo. O intelecto é uma estrutura determinada na qual frases ocorrem, se e quando ocorrerem. Isto é uma imagem quase kantiana do intelecto, (ou como ele diria, da razão pura). Supera a tabula rasa dos empiristas, tanto quanto a fábrica de conhecimentos dos racionalistas. Mas a imagem é apenas quase kantiana. Difere de Kant por que admite que existem intelectos de estruturas diferentes, e difere ainda porque admite que as estruturas do intelecto são progressivamente maleáveis. Se a minha definição for aceita pelos senhores, condenará os senhores, como condena a mim, a um relativismo quanto à validade de todos os conhecimentos. Um conhecimento é válido apenas dentro de uma dada estrutura de intelecto. Digo isto quanto à validade dos argumentos que constituem conhecimentos. Calo-me, provisoriamente, quanto à noção da verdade. Veremos no presente curso que o termo "verdade" varia de acordo com o contexto histórico, e que o lugar apropriado de discutirmos a verdade será o campo da poesia. Repito portanto que a definição do intelecto como campo no qual ocorrem frases de uma dada língua condena ao relativismo não apenas a verdade dessas frases, mas ainda a validade dessas frases. Não creio, no entanto que esse relativismo venha necessariamente o sabor do desespero.

Uma objecção óbvia a esta minha definição seria aquela que afirma que no mesmo facto podem ocorrer frases de diferentes línguas. Peço aos senhores que não formulem esta objecção, porque ela será o tema de minha próxima palestra. Creio ter deixado claro que o problema do poliglottismo passa a ser um problema epistemológico e ontológico de primeira grandeza. A tradução de frases de uma língua para outra, e a tradução de intellectos de uma língua para outra, passa a ser o próprio teste da teoria de conhecimento que me esforço a desenvolver diante dos senhores. Tratarei portanto da tradução, antes de tratar da conversação propriamente dita.

Permitam-me recapitule, em poucas palavras, o que procurei elaborar na presente palestra. Nomes próprios são a tônica da língua. Deses nomes próprios se projetam predicados, e nesse processo os nomes próprios se transformam em sujeitos de frases. Os predicados que se projetam dos nomes próprios contêm verbos que são articulações de modalidades do ser dos nomes próprios. A meta da predicação é um nome de classe. A progressiva enumeração desses nomes de classes é o declive do discurso que consiste de frases. Nesse processo outros nomes próprios podem ser incluídos nas frases como objetos. Em frases desse tipo o predicado estabelece situações de realidade. O mundo externo é o conjunto dessas situações de realidade, e, neste sentido, o significado do discurso. O intellecto é o campo do discurso. Mundo externo e intellecto são os dois aspectos do discurso.

Antes de encerrar esta palestra, quero dizer mais uma coisa: O discurso não é uniforme. Divide-se em múltiplos braços, chamados "argumentos", e estes argumentos discorrem em planos de significado diferentes. Essa divisão do discurso em argumentos, dos quais um exemplo poderá ser a física, e outro a crítica de arte, freia por assim dizer a rapidez do discurso. Argumentos podem estagnar, ou podem esgotar-se. Esta estagnação diz respeito à predicação de nomes de classes em direção de outros nomes de classes. Este problema será o tema de uma conferencia futura. Por outro lado o declive do discurso não é uniforme. Há nele movimentos contrários chamados reflexivos. Estes movimentos do pensamento predicam em direção do nome próprio a partir de nomes de classes. Estes movimentos reflexivos, chamados grosso modo "filosofia", serão também considerados mais tarde. Dou estas ressalvas para delimitar o terreno da discussão que deve surgir desta palestra.

Literatura: Cassirer E: Substanzbegriff und Funktionsbegriff

Kickert H: Die Logik des Prädikats und das Problem der Ontologie